

MEMÓRIA

*MEMORY*



# O DISPOSITIVO MILITAR DO FAIAL NA II GUERRA MUNDIAL (MEMÓRIAS DE UM CORONEL DE ARTILHARIA)

AMÂNDIO AUGUSTO TRANCOSO \*

Solicitado a fazer o meu juízo do que foi e porquê a permanência das Forças Armadas Portuguesas nos Açores, durante o período da Segunda Grande Guerra Mundial (1939/1945), sobretudo as do Exército, como elemento do mesmo, visto ter sido um dos mobilizados durante parte do tempo em que aquela Guerra durou, prestando os seus serviços na Ilha do Faial, não pude deixar de satisfazer tal pedido.

Rebentou a guerra e como tal Portugal não pôde ficar indiferente a tal facto e como velho aliado de Inglaterra, não podia deixar de respeitar esse facto a que se associou também os Estados Unidos da América.



Peças de Artilharia da Espalamaca



Artilharia da Espalamaca

---

\* O presente trabalho constitui um testemunho evocativo dos meios de artilharia instalados na ilha do Faial no período da II Guerra Mundial. A sua autoria deve-se ao Coronel de Artilharia Amândio Augusto Trancoso (1916-2010), que prestou serviço na mesma ilha nos anos de 1944/45, quando aqui se instalou uma base naval ao serviço dos aliados e que, por solicitação de familiares, em 2005 fixou em texto uma breve memória alusiva ao dispositivo militar e sua localização. Aos seus familiares, que gentilmente cederam o texto para publicação, o Núcleo Cultural da Horta manifesta a maior gratidão.

Dada a posição privilegiada do Arquipélago Açoriano, como fronteira da Europa e na rota favorável ao movimento das Forças Americanas, necessário se tornava o nosso auxílio, disponibilizando-o com a concessão de aqui se instalarem as Bases, Aérea na Ilha Terceira – Lages e Naval na Ilha do Faial e no seu magnífico Porto, embora prevendo o risco que se iria correr da acção das forças inimigas, em especial da Alemanha, cuja força se fez sentir com os seus navios, submarinos e até aviões.

O Comando da Base Naval dos Estados Unidos estava instalado numa parte não danificada de um cruzador que havia sido torpedeado nas proximidades da Ilha e que foi rebocado para a doca, ficando ancorado junto aos armazéns do Porto da Horta.

Como tal, houve pois que reforçar as forças portuguesas para segurança, não só dos Aliados, como da própria população local.



Charanga



Edifício do Comando

Neste contexto foram mobilizados os efectivos necessários e possíveis para tal efeito.

Para a Ilha do Faial foram enviados então efectivos de Infantaria, Artilharia, Engenharia, Saúde e Apoio Logístico.

A Infantaria era, evidentemente, em maior número pois se tornava necessário ocupar as zonas mais favoráveis a qualquer desembarque de forças inimigas. A seguir, a Artilharia, para não permitir acções inimigas contra o porto, principalmente, e fogos, quer marítimos quer aéreos, sobre o território, e as restantes para os auxílios necessários às suas missões.

No respeitante à Artilharia, foi criada uma Bateria Independente de Defesa da Costa (B.I.D.C.3) cujas posições se situavam no Monte da Guia e na Ponta



Hipomovel



Hospital Militar

da Espalamaca, que foi guarnecida, dada a urgência, por peças que haviam pertencido a um velho navio, já retirado do serviço activo – O “Vasco da Gama”.

A sua guarnição era, naturalmente, constituída por militares de incorporação regional.

As instalações continham as plataformas onde se instalaram as peças, e, em posições enterradas, as casernas para a sua guarnição, instalações sanitárias e paióis para as munições.

Um pouco afastadas estavam a cozinha e o refeitório.

Após completadas as instalações, foram executados fogos reais para regimagem das peças e deu-se infelizmente um incidente com uma das peças da Espalamaca que, pela sua idade, fendeu a culatra móvel, que rapidamente foi recuperada no Continente, voltando com a disposição de só ser utilizada em caso de urgência, pois poderia repetir-se a avaria e em tal circunstância se houvesse vítimas, seriam consideradas como consequências de guerra.

As guarnições da Guia e Espalamaca eram constituídas, cada uma, por dois oficiais subalternos, seis sargentos ou furriéis e vinte praças, que ali permaneciam.

Há alguns anos tive a oportunidade de visitar as referidas posições que naturalmente estavam desactivadas, mas um pouco degradadas.

O Comando da Bateria estava no aquartelamento da cidade, com o pessoal necessário para os seus serviços administrativos, logísticos e reserva de pessoal das posições, sendo seu comandante um Capitão. Aí também era feita a Escola de Recrutadas.

Disponha ainda duma charanga cujos ensaios e orientação eram feitos por um ilustre regente de uma das filarmónicas locais, o Maestro Symaria. Os componentes faziam parte do efectivo da Bateria, dada a grande propensão para a música das populações locais.

Vim para a Bateria como subalerno (Alferes ) em Fevereiro de 1944 , tendo embarcado no navio de passageiros “Carvalho Araújo” em Lisboa, no dia 10 e chegado à Horta a 25. Regressei ao Continente em Novembro de 1945 finda a comissão de serviço.



Peça de Artilharia



Posição da Espalamaca

Ao apresentar-me na Bateria, fiquei surpreendido com a instalação do Comando no edifício que acabara de ser construído para o Dispensário Anti-Tuberculose, à falta de outro, em virtude do antigo, que ficava ao lado da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, ter sido destruído pela explosão de umas granadas que estavam a ser levadas para o paiol e que causou alguns mortos que ainda hoje são lembrados no dia do aniversário da referida explosão.

Durante a viagem de Lisboa para a Horta, como o “Carvalho Araújo” escalava todas as ilhas, desde Santa Maria ao Faial, fiquei com uma impressão muito agradável das suas paisagens e habitantes.

A minha permanência na Horta não coincidiu, pois, com o início das mobilizações; os primeiros, por falta de instalações, dormiam em tendas de campanha e tiveram o trabalho de tudo organizar, até conseguirem habitações próprias. Ainda hoje existem vestígios de Casamatas construídas para abrigo e vigilância da costa, na Praia do Almoxarife (encontra-se bem visível, mesmo junto à praia, na direcção do molhe), na base do Monte da Guia (junto ao mar e virada para o canal), Feteira e nalguns sítios mais.

O contacto das forças mobilizadas e convívio com a população local processou-se de uma forma amigável dada a simpatia e amabilidade das suas gentes, sendo notório o grande número de casamentos que houve, contando com o

meu também. Familiarizamo-nos facilmente com os seus usos e costumes, pelo que não é de estranhar que tais uniões se tenham verificado.

A Bateria dispunha de uma Messe, situada ao n.º 12 da Rua de Jesus, na qual comiam os Oficiais e na altura em que cheguei, também ali tomavam as refeições o Coronel Comandante Militar do Faial e o seu Chefe de Estado-Maior. Os Oficiais e Sargentos oriundos do Continente, alojavam-se em casas particulares que alugavam quartos. Quando se iniciaram as desmobilizações, o Comando da Bateria transferiu-se para o Quartel do Carmo, até então ocupado pelo Comando do Regimento de Infantaria 20 (RI 20).

Aos poucos, à medida que havia casas vagas, os militares mobilizados e das diferentes unidades, iam-se alojando nas mesmas; havia, pois, ocupações por todas as casas disponíveis desde a Conceição até às Angustias e até no Castelo de Santa Cruz, onde actualmente se encontra a Pousada.

Nas Angustias estava a Bateria Antiaérea de referenciação e na Calçada da Conceição, a Bateria Antiaérea de 4 cm.

Fora da cidade estavam alojados: na Feteira, a Companhia de Engenharia; no Monte Carneiro, a Bateria de Artilharia Antiaérea de 9 cm; a Bateria de Artilharia Ligeira de 7,5 cm, na Cruz do Bravo onde, perto (Rua do Lameiro Grande), se construiu uma Carreira de Tiro e o Hospital Militar que mais tarde se tornou no Hospital das doenças infecto-contagiosas. Esta Bateria construiu para instalação das suas peças, na vertente para os Flamengos, perto do Largo Jaime Melo, abrigos enterrados e camuflados, de que ainda há vestígios; nos Flamengos e Santo Amaro estavam unidades de Infantaria; junto à Caldeirinha do Dr. Neves, o Depósito de Subsistências.



Posição da Guia



Transporte

Na cidade, no Largo do Bispo D. Alexandre, estava o Casão Militar com os artigos militares e civis (actual edifício do Grémio Artista Faialense).

Num dos edifícios, o principal da então Colónia Alemã dos Cabos Submarinos (actualmente departamentos governamentais), que fora extinta ao rebentar a 2.<sup>a</sup> Grande Guerra Mundial, na Rua Marcelino Lima, foi criada a Messe de Oficiais, para todos os oficiais da Guarnição Militar do Faial.

Do lado oposto, à esquerda quem sobe a Rua Cônsul Dabney, encontravam-se os edifícios onde funcionava a Companhia Inglesa de Cabos Submarinos (actualmente Hotel Fayal, Escola Básica 2 e outros).

Além das Forças Militares do Exército, havia também Forças Navais encarregadas da vigilância naval e era constituída por quatro patrulhas e um navio de bóias, este encarregado de abrir e fechar uma rede de segurança do porto, colocada entre a ponta da doca, junto ao farol, e a muralha, em terra. Havia ainda o Capitão do Porto e a guarnição da Estação Rádio Naval.